

referência

Apresentação do texto de Luis Saia, “Evolução Urbana de São Luís de Paraitinga”

Carlos Roberto Monteiro de Andrade

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 3373-9294, candrade@sc.usp.br

O texto do engenheiro-arquiteto Luís Saia (1911-1975) sobre São Luís de Paraitinga, um de seus últimos escritos, foi publicado pela primeira vez nos Anais do 7º Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, em 1974 (São Paulo: ANPUH, pp. 19-30). Três anos depois o mesmo texto foi incluído em publicação do então Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Saia, Luís e Trindade, Jaelson; São Luís do Paraitinga. Publicação nº 2. São Paulo: CONDEPHAAT, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Governo do Estado de São Paulo, 1977).

Os acontecimentos nessa cidade, em início de janeiro deste ano, com a grande enchente do Paraitinga subindo suas águas cerca de 10 metros acima do nível normal, destruindo em uma escala e violência até então nunca vistas parte significativa do seu Centro, bem como outras áreas urbanas e também rurais (2 mil moradores da cidade, isto é, 20 % de sua população, ficou desabrigada), nos levaram a retomar esse texto de Saia. Sua republicação pela Risco também foi movida pela intenção de divulgar e conhecer melhor as ideias desse profissional militante, intelectual apaixonado e polêmico, cuja importância na cultura arquitetônica e urbanística, em São Paulo sobretudo, mas não apenas, está por ser reavaliada, tendo em vista que ainda são escassos os trabalhos sobre a atuação e obra de Luís Saia, a par esta ter sido ampla e em campos diversos, do restauro ao planejamento urbano, do projeto de arquitetura à história urbana.

“Evolução urbana de São Luís de Paraitinga” é um texto de história urbana, vinculado diretamente aos estudos feitos sobre a cidade, no início dos anos 1970, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), de cujo 4º Distrito Saia foi chefe de 1946 até seu falecimento. O título remete a algumas das filiações teóricas e historiográficas de Saia, a perspectiva evolucionista no estudo das cidades, que podemos situar entre as concepções de Patrick Geddes, com seu clássico “Cidades em Evolução”, de 1915, e Lewis Mumford, passando por Marcel Poète e Pierre Lavedan. O texto de Saia é também bastante original na sua leitura da história de São Luís do Paraitinga, mobilizando diversas fontes documentais primárias – de inventários e testamentos a escrituras de compra e venda de terras, ordenanças, livros de vereança, de tombo e de atas, bem como ofícios das Câmaras, etc. - e operando com o conceito de estrutura urbana, articulando múltiplas disciplinas como a geografia, a economia e a sociologia.

Nele Saia aponta os conflitos entre “a geometria de Morgado (de Mateus)” e o “interesse imediatista dos moradores”, vale dizer, dos proprietários particulares, chamando a atenção para a presença em terras tropicais de princípios do Iluminismo português, referindo-se ao programa urbanizador do Marquês de Pombal no Brasil, se aproximando assim da interpretação que seu amigo Sérgio Buarque de Holanda faz, em “Raízes do Brasil”, do urbanismo português no Brasil anterior ao século XVIII, marcado pela adaptação ao sítio e respectiva irregularidade

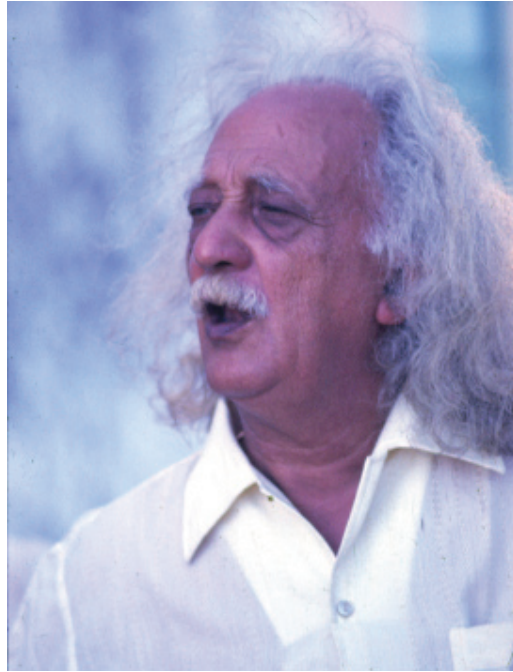


Figura 1: Luis Saia, 1974.
Fonte: fotografia de Sylvia Ficher.

de traçado, e contrapondo-se ao urbanismo dos países hispânicos, onde a grelha ortogonal impõe a regularidade das vias e quadras sobre o terreno.

O estudo de Saia desvenda as transformações da estrutura da cidade, dadas pelas mudanças de lugar da Igreja Matriz, mas também da sua Casa de Câmara e Cadeia. Esta, como Saia nos informa, destruída em 1863 por uma enchente, para nos lembrar que não é de hoje o convívio da cidade com as enchentes do rio que a atravessa, junto ao qual e sobre sua várzea de inundação ela se implantou. Como sabemos, Paraitinga, ou Parahytinga, é corruptela de Pi-rá-ity-nga, em tupi, ou seja, “fundo desigual e lagoas”. “Assim, lagoa, de água estagnada ou parada, é i-ty-nga, ‘água presa’.” (Conforme João Mendes de Almeida; Dicionario Geographico da Província de S. Paulo. São Paulo: Typ. A Vap. Espindola, Siqueira & Comp., 1902)

É bem provável que a incúria de longa data no manejo da bacia hidrográfica do Paraitinga, com suas áreas de cobertura florestal e matas

ciliares progressivamente sacrificadas para a expansão dos canais – antes foram os cafezais –, associada a condições climáticas excepcionais, tenha potencializado a capacidade destrutiva da última enchente. Mas Saia já relacionava sua ocorrência a soluções construtivas – como o não uso da taipa de pilão e o emprego de pedra entaipada nos embasamentos dos sobrados –, e também a partidos ou expedientes arquitetônicos, quando lança a hipótese da adoção do sobrado, com o térreo destinado apenas a acesso e depósito, como um recurso preventivo às enchentes periódicas.

O texto de Saia é, como o leitor poderá desfrutar, rico em sugestões analíticas e boas hipóteses historiográficas, como a do hibridismo da arquitetura paulista do Vale do Paraíba no período áureo da economia cafeeira, com influências mineiras se mesclando “com a experiência dos engenhos da baixada fluminense”, e também uma excelente aula de história urbana, da arquitetura e do urbanismo, em que a perspectiva pluridisciplinar já mostra suas potencialidades teóricas e historiográficas.

Observamos que as ilustrações desse texto reproduzem aquelas do texto original. Não identificamos a autoria do croquis da planta do centro de São Luís do Paraitinga, tampouco da fotografia da sede da fazenda Pedro Alves, que a legenda registra como “já desaparecida”. Essa é possível que seja de Saia, que lamenta em seu texto não ter promovido o tombamento daquela casa de morada. Mantivemos aqui a grafia original dos Anais de 1974, tanto no texto de Saia, quanto em suas citações.

Por fim, agradecemos à Sra. Helena Saia e à Associação Nacional de História - ANPUH, por terem autorizado a republicação do texto de Luís Saia. Também agradecemos à Sra. Sylvia Ficher por ter permitido o uso da fotografia de Luís Saia, de sua autoria. A foto de São Luís de Paraitinga aqui incluída é de autoria de Jablonsky, do Conselho Nacional de Geografia (In: Aziz Nacib Ab’Saber e Nilo Bernardes; Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958, p.171).

Figura 2: São Luís de Paraitinga. Fonte: fotografia de CNG - Jablonsky.

